



ENTRE TEMPOS E HISTÓRIAS: MEMÓRIAS DA CIDADE

BETWEEN TIMES AND HISTORIES: MEMORIES OF THE CITY

(Recebido em 23-08-2023; Aceito em: 26-12-2024)

Dagmar Ribeiro Duarte

Mestrado em Estudos Territoriais, Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Salvador, Brasil.
Secretaria de Educação do Estado da Bahia – Feira de Santana, Brasil
dagrduarte@gmail.com

Jussara Fraga Portugal

Mestrado e Doutorado em Educação e Contemporaneidade (UNEB) – Salvador, Bahia
Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Salvador, Bahia
jfragaportugal@yahoo.com.br

Resumo

Este texto comporta um recorte da pesquisa “Tempos, memórias e histórias: narrativas sobre os lugares e os cotidianos da cidade ‘Princesa do Sertão’”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet), na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Trata-se de uma pesquisa narrativa ancorada no método (auto)biográfico, com inspiração na abordagem fenomenológica, cuja intenção foi compreender as reminiscências das experiências vividas por um grupo de idosos, na faixa etária de 60 a 85 anos idosos, que desempenha diferentes atividades na cidade de Feira de Santana e, desde a mais tenra idade, vivência e experiência a cidade, circula por seus lugares, acompanha e testemunha as mudanças e permanências nos lugares da Princesa do Sertão ao longo do tempo e, nesses percursos, construiu suas histórias de vida nesse espaço urbano no devir da vida. Por meio das narrativas, ao desvelarem-se e mobilizarem memórias – individual e coletiva – e narrá-las, os participantes da pesquisa contam histórias sobre a vida – social, política, econômica, cultural e educacional –, na cidade Princesa do Sertão, cujos testemunhos atribuem sentidos e significados às vivências e revelam experiências nos cotidianos e lugares da cidade. A partir dos relatos das memórias evocadas pelo grupo de idosos, foram entrecruzadas trajetórias das histórias de vida com a história da cidade, as vivências, experiências cotidianas e os modos como foram sendo construídos os laços de identidade e de afetividade com os seus lugares no devir do tempo.

Palavras-chave: cidade; idosos; memórias; narrativas; tempos.

Abstract

This text includes a section of the research Times, Memories and Stories: narratives about the places and daily life of the city Princesa do Sertão, developed in the Graduate Program in Territorial Studies (Proet) at the State University of Bahia (UNEB). This is a narrative research anchored in the method (auto)biographical, with inspiration in the phenomenological approach, whose intention was to understand the reminiscences of the experiences lived by a group of elderly, in the age range from 60 to 85 years old, who perform different activities in the city of Feira de Santana and, from an early age, experience and experience the city, circulate through their places, accompany and witness the changes

and stays in the places of the Sertão Princess over time and stories of life in this urban space in the becoming of life. Through the narratives, to unveil and mobilize memories - individual and collective - and narrate them, the participants of the research tell stories about life - social, political, economic, cultural and educational -, in the city Princesa do Sertão, whose testimonies attribute meanings and meanings to the experiences and reveal experiences in everyday life and places of the city. From the reports of memories evoked by the group of elderly, trajectories of life stories were intertwined with the history of the city, experiences, everyday experiences and the ways in which the bonds of identity and affection with their places were built in the course of time.

Keywords: city; elderly; memories; narratives; times.

Entre tempos, memórias e narrativas: introdução

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, 'decola' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (Bosi, 2003, p. 36).

A pesquisa "Tempos, memórias e histórias: narrativas sobre os lugares e os cotidianos da cidade 'Princesa do Sertão'" compõe a pesquisa-âncora "Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: identidades, memórias e narrativas"¹, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a qual se debruçou no entendimento das seguintes questões: como os lugares e cotidianos da Princesa do Sertão são retratados, mediante a evocação de memórias de oito idosos moradores da referida cidade, considerando as dimensões temporais (passado e presente)? Entrelaçadas à questão norteadora, apresentam-se três outras, a saber: 1) quais lugares e cotidianos são revelados nas memórias narradas pelos idosos sobre a Princesa do Sertão?; 2) quais itinerários percorridos na cidade são retratados nas histórias narradas?; 3) quais sentimentos foram evocados pelos idosos ao narrar sobre o viver a cidade Princesa do Sertão?

O objetivo que norteou a investigação intentou compreender as reminiscências das experiências vividas por um grupo de idosos, por meio da interpretação e da análise das narrativas sobre os lugares e cotidianos da cidade Princesa do Sertão. O grupo de colaboradores participantes foi composto por oito pessoas idosas, na faixa etária de 60 a 85 anos, que, ao narrarem sobre si, contaram histórias da cidade, evocando reminiscências sobre o vivido nos lugares de vida.

O percurso metodológico se apoiou na abordagem qualitativa da pesquisa narrativa, ancorado no método (auto)biográfico, com inspiração nos princípios da Fenomenologia e contribuições da Geografia Humanista, por meio da interpretação e análise das narrativas e, intentou compreender as reminiscências das experiências vividas por um grupo de idosos sobre os lugares e cotidianos da

¹ Esta pesquisa demarca um objeto instituído pela relação de uma tríade que entrelaça memórias – individuais, coletivas e subterrâneas ou marginais –, expressões identitárias e narrativas sobre acontecimentos, vivências, experiências que compõem as histórias vividas por grupos diversos de sujeitos sociais em múltiplos contextos geográficos. A referida pesquisa visa apreender a seguinte questão: quais elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, emergem nas narrativas autobiográficas dos sujeitos sociais nos seus diversos territórios? (Portugal, 2021).

cidade Princesa do Sertão. Quanto aos procedimentos de recolha das fontes e compilação dos elementos vinculados às dimensões temáticas contempladas – “Revelando-me com/em palavras”; “Infância e adolescência na Princesa do Sertão”; “A fase adulta e as experiências com/nos cenários da vida na cidade Princesa do Sertão” e “Memórias da Princesa do Sertão: a cidade que vi(vi); vi(vo) e a que desejo ver(viver)” –, além da entrevista, da narrativa individual e do questionário biográfico, foram utilizadas fotografias com o objetivo de mobilizar as memórias dos idosos sobre a cidade de Feira de Santana, entrecruzando temporalidades (passado/presente) e espacialidades.

A opção pelo método (auto)biográfico, na perspectiva da pesquisa narrativa, justifica-se pela intenção de conhecer os sentidos atribuídos pelos colaboradores idosos, acerca de suas memórias, seus itinerários, suas vivências e suas experiências com/nos lugares e seus cotidianos, na cidade Feira de Santana, bem como por considerar a perspectiva metodológica mais apropriada para (des/re)velar as subjetividades nas narrativas das histórias de vida explicitadas a partir das memórias individual e coletiva dos colaboradores.

A relação dialógica com a Geografia Humanista revela-se por meio da necessidade de contemplar a compreensão dos lugares da cidade de Feira de Santana ancorada na apreensão das narrativas sobre as experiências de um grupo de moradores, considerando, desse modo, as dimensões existenciais, experienciais e as múltiplas maneiras de ser-e-estar-no-mundo (Marandola Junior, 2020).

Por esse ângulo, para o entendimento das experiências dos seres-no-mundo e para a abertura da Geografia em relação às experiências constituídas cotidianamente, Cavalcante (2016) aponta que a abordagem humanista eleva a reflexão de mundo e a conscientização de onde exprime a circunstância humana.

Sobre essa questão, ainda em busca de compreender as sensíveis experiências do homem com a terra, enaltecendo as sensações, emoções e os sentidos, Dardel (2015) contribui quando refere-se ao modo como os geógrafos observam o homem em sua relação visceral com a terra, expressando amor pelo solo e pelo lugar, o que redireciona nossas reflexões para novos sentidos (Dardel, 2015). As narrativas desse grupo de indivíduos trazem à tona essa relação profunda entre a pessoa que narra (geograficidade) e a terra, permitindo-nos explorar como a geografia do lugar se entrelaça com as geografias (pessoal e vivida).

Para Tuan (1983, p. 198), os estudos realizados pela Geografia Humanista buscam “[...] um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar”. Para esse autor, “[...] o que começa como espaço indiferentemente transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

A Cidade é o lugar onde se inscreve a história do urbano e preserva a memória do seu repertório coletivo. Essa história, porém, não é uma simples coleta de referências factuais, mais uma recepção e percepção de lembranças e repertórios perdidos que incidem sobre o espaço da cidade. Conjunto múltiplo de ação coletiva, a cidade tem muitas dimensões e significados – reais e virtuais, concretos e simbólicos – e, também ela, a cidade, é construtora de identidades e identificações (Lima, 2020, p. 2).

Castrogiovanni (2000, p. 15) enfatiza que “[...] o estudo desses lugares deve contemplar a compreensão das estruturas, das ideias, dos sentimentos, das paisagens que ali existem [...]”. Assim, pensar a cidade por meio da análise de sua dinâmica social, política, econômica, cultural é condição necessária para conhecer as relações sociais que se constituem entre as pessoas em seus lugares de vida. Entretanto, percebê-la em sua dimensão simbólica é contributo indispensável para a compreensão de sua significação, como palco das relações humanas e das intenções que se esboçam, quer pelos desejos individuais dos sujeitos, quer pelos anseios de determinados grupos sociais com/nos seus lugares.

Quanto à inspiração nas contribuições da Fenomenologia, justifica-se pelo fato de o objeto de pesquisa se debruçar sobre as memórias de vivências e de experiências dos/com/nos lugares da cidade de Feira de Santana, reveladas por meio das narrativas de um grupo de moradores idosos.

Coadunamos com Serpa (2019), ao ressaltar que uma pesquisa pautada na contribuição da abordagem fenomenológica coopera, na Geografia, para o estudo do lugar de existência dos sujeitos, de como eles constroem suas experiências e suas relações com o meio social, como interagem com eles mesmos, como pensam e agem nos diversos ambientes, bem como se posicionam perante o seu lugar no mundo. Uma pesquisa baseada nos métodos fenomenológicos reafirma a concepção de uma geografia vivida, valoriza a geograficidade dos sujeitos constituída de símbolos, significados e experiências. Segundo o autor,

[...] A Fenomenologia, permite o retorno às práticas espaciais primeiras, sobre as quais construímos nossas referências de mundo e lugar. Essas referências se constroem através da elaboração científica, com a criação de representações conceituais (paisagem, região, territórios, entre outras), mas também na vida cotidiana, muitas vezes sem vestígio de elaboração conceitual ou mesmo de conscientização (Serpa, 2019, p. 9).

No tocante às entrevistas narrativas, são um potente dispositivo de recolha dos dados, pois se configuram como uma técnica que, segundo a ótica de Delgado (2010, p. 77),

[...] sob forma de registros orais ou escritos, são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras os registros da memória e da consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo.

Por essa razão, a entrevista narrativa é uma técnica de pesquisa que compreende um modo singular de realizar uma entrevista, no qual o entrevistador elabora um roteiro com temas que estão

articulados ao objeto investigado. Nesse estilo de entrevista qualitativa, não é adotado o modelo perguntas-respostas e não se intenciona recolher histórias detalhadas sobre as experiências de vida de um sujeito ou de um grupo de sujeitos sobre um tema específico, mas, sim, possibilita uma visão mais ampla de um determinado fenômeno em estudo e permite a análise de questões particulares, em nível de uma realidade que dificilmente poderia ser quantificada.

Ainda sobre a entrevista narrativa, é preponderante entender, como destacam Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 92), que não se trata

[...] apenas da listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo quanto no sentido. Se nós considerarmos os acontecimentos isolados, eles nos apresentam como simples proposições que descrevem acontecimentos independentes. Mas se eles são contados, estruturados em uma história, as maneiras como eles são contados permitem a operação de sentidos do enredo.

As entrevistas narrativas foram realizadas por meio de sessões previamente agendadas – com dia, data, local e horário – definidos pelos colaboradores. Após a realização das entrevistas, foram efetivadas as transcrições, a textualização e a análise das narrativas.

Por meio do questionário biográfico, foram recolhidas informações relevantes – dados pessoais, como nome, idade, lugar de nascimento, percurso estudantil, formação e profissão, e tempo de moradia na cidade de Feira de Santana, lócus da pesquisa – tendo em vista a composição do perfil biográfico do grupo de participantes.

As fotografias compuseram o acervo imagético e possibilitaram a análise contrastiva temporal e espacial dos lugares da cidade narrada. Ademais, esse recurso imagético permitiu, também, caracterizar e analisar os cenários narrados, descrevendo as permanências e as mudanças nos cotidianos dos lugares que emergiram nas narrativas dos colaboradores da pesquisa. Dessa forma, ao eleger as fotografias, como fonte de pesquisa, o objetivo foi apresentar os lugares e os cotidianos da cidade Princesa do Sertão, entrecruzando as dimensões temporais – passado e presente – com as narrativas dos colaboradores. Sobre a fotografia, Ribeiro (2016, p. 79) assevera que

Diferente do cinema, marcado pela velocidade, a fotografia traz consigo uma sorte de autoridade sobre o movimento: sua virtude é a da pausa (coisa raríssima em nossa época), sua magia residindo no congelamento do tempo e do espaço. Tal propriedade fez dela seus primórdios, relevante documento da vida cotidiana. Na modernidade, cuja perspectiva sempre foi a de buscar o futuro, o registro fotográfico assumiu a condição de arquivo, testemunho pictórico privilegiado do que já fomos [...].

Ao se referir à fotografia como relevante documento da vida cotidiana, Ribeiro (2016) sinaliza que esse recurso fornece informações que nos dão a possibilidade de perceber os lugares em diferentes escalas, no espaço e no tempo, auxiliando-nos na compreensão do mundo por meio dos registros de acontecimentos.

Neste trabalho de pesquisa, as fotografias, como fonte de pesquisa, possibilitaram a leitura histórica e arquitetônica da paisagem da cidade, o que permite a confecção de um inventário, contemplando relatos de situações e registro de novos fatos e elementos que não se encontram documentados. A intenção é cruzar temporalidades – passado presente e futuro – e espacialidades dos lugares da cidade de Feira de Santana, mediante a interpretação e a análise das narrativas dos idosos, bem como a leitura imagética (fotografias).

A cidade entre tempos e histórias

Como salienta Bosi (2003, p. 36), “[...] a cidade, como a história da vida, é sempre a possibilidade desses trajetos que são nossos percursos, destinos, trajetórias da alma”, entre o passado e o presente. Essa é a nossa intenção nesta escrita, desvelar, por meio das memórias mobilizadas, a cidade como histórias que retratam vidas, vidas tecidas pelos percursos atravessados, pelos destinos construídos e por trajetórias marcadas pelas vivências e experiências. De acordo com Vasconcelos (2000, p. 9),

resgatar histórias de vidas permite voos bem amplos. Possibilita articular biografia e história. Perceber como o individual e o social estão interligados, como as pessoas lidam com as situações, a estrutura social mais ampla que se lhe apresentam em seu cotidiano, transmitido como realidade, de resignação e criação.

Nesse sentido, as narrativas de histórias de vida possibilitam uma viagem no tempo, cuja mobilização da memória traz à tona representações sociais que revelam trajetórias de acontecimentos, seus lugares de ocorrência e seus significados sociais, históricos, econômicos, culturais e, também, afetivos.

Segundo Lopes (2000, p. 46), “[...] ao narrarem suas histórias, os sujeitos deixam-se ficar emersos no tempo a fim de que o passado esquecido possa ser redescoberto no presente” e refletir o futuro. Desse modo, torna-se importante apreender as temporalidades – passado, presente e futuro – e a espacialidade que se entrecruzam, ao narrar sobre si e sobre as experiências com/nos lugares

Diante do exposto, é relevante esclarecer que, em virtude das várias conotações atribuídas ao conceito tempo – tempo físico, tempo biológico, tempo social, tempo vivido etc. – é importante ressaltar que a abordagem utilizada nesta pesquisa parte do pressuposto da subjetividade, cuja dimensão constitutiva está assentada nas vivências e nas experiências acumuladas pelos sujeitos na construção de si. Delgado (2010, p. 33), por sua vez, assevera que

[...] o olhar do homem no tempo, e através do tempo, traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história. As análises sobre o passado estão sempre influenciadas pela marca da temporalidade.

Assim sendo, ao se interpretar a história vivida, no processo de construção espacial, as pessoas são influenciadas pelas representações construídas no fluxo do tempo e, a partir dessas representações, são acionadas as memórias. Na memória, guardamos as lembranças vividas, é por meio delas que constituímos nossa identidade pessoal, social e espacial. Segundo Passeggi (2011, s/p), “[...] o narrador, ao buscar compreender a sua historicidade, faz uso de suas margens de manobra reais para inserir sua ação na História”.

Ao narrar, o sujeito busca na memória sucessão de fatos, de episódios e de acontecimentos que se desenrolaram no tempo e no espaço, no decorrer de suas histórias de vida. A esse respeito, Josso (2007, p. 419) enfatiza que “[...] a história de vida é assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece, à reflexão de seu autor, oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si”.

Por esse viés, uma narrativa sobre si entrelaça lembranças que deixaram marcas, e, quando (re)memoradas, demonstram temporalidades, geograficidade e espacialidades do sujeito, apresentando as maneiras de existir “[...] em um mundo espaço-temporal que foi experimentado [...]” (Dias, 2020, p. 131). Já Portugal (2020, p. 35) aponta que “[...] ao narrar, o sujeito tem a possibilidade de refletir sobre suas vivências e experiências, ocorrendo, assim, a oportunidade de reproduzir e/ou reconstruir suas práticas”.

Com isso, “[...] esse desvelamento de si, proposto pela pesquisa narrativa [...] é uma forma de explicitar a singularidade, de articular espaços, tempos e experiências, de tecer significações sobre a própria existência” (Meireles, 2013, p. 58), ou seja, narramos a nossa multiplicidade, proximidade, circunstancialidade, o que é narrado apresenta-se como relevante e consiste na perspectiva existencial do ser-situado (Marandola Junior, 2021). Nesse sentido, leva quem narra a um destino de compreensão das ligações existenciais com os lugares percorridos e atravessado no devir da vida, e, por esse caminho, pode-se destacar que:

[...] dentro do horizonte humanista da Geografia, há inúmeras possibilidades de estudo e abordagens. Neste ensaio, traçamos um percurso dentro desse ‘labirinto’, em busca da compreensão da ‘existência’ e da ‘experiência’ humana. Essa busca será realizada através do pensar dos geógrafos humanistas, em razão de sua vinculação a uma abordagem fenomenológico-existencialista. É sob esse prisma que esses geógrafos procuraram desvelar a experiência humana (Marandola Junior, 2005, p. 50).

Por conseguinte, narrativa, tempo, história, memória, espaço e lugar se entrelaçam, uma vez que, ao analisarmos o passado em busca de apropriação da memória pela história narrada, estamos sempre influenciados pela marca da temporalidade e da espacialidade. Souza (2004, p. 173) nos lembra que

a arte de lembrar remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, com um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes

tempos e espaços, os quais articulam-se com as lembranças e as possibilidades de narrar as experiências. O tempo é memória, o tempo instala-se nas vivências circunscritas em momentos; o tempo é situar-se no passado e no presente.

Dessa forma, acreditamos que o grupo de colaboradores idosos desta pesquisa, protagonistas das histórias vividas – ao narrar sobre suas memórias das vivências e das experiências dos/com/nos lugares da cidade Princesa do Sertão – tem a possibilidade de refletir sobre suas itinerâncias de vida familiar, profissional, social, cultural – no tempo e no espaço – e ressignificar as visões que possui de si, resgatando, assim, suas histórias pessoais.

A Princesa do Sertão, como é chamada Feira de Santana, é a segunda maior cidade do estado da Bahia, depois da capital Salvador, e a mais influente cidade do interior da Região Nordeste. A cidade está inserida no Território de Identidade Portal do Sertão², composto por 17 municípios e, devido à sua localização privilegiada (Figura 1) e poder de polarização, por concentrar um maior número de atividades econômicas – pecuária, educacional, tecnológica, econômica, imobiliária, industrial, financeira, administrativa e centro comercial – do interior da Bahia – especialmente no que concerne ao setor informal, destaca-se como o maior centro urbano, exercendo, portanto, forte alcance sobre as cidades de seu entorno e centenas de municípios do estado.

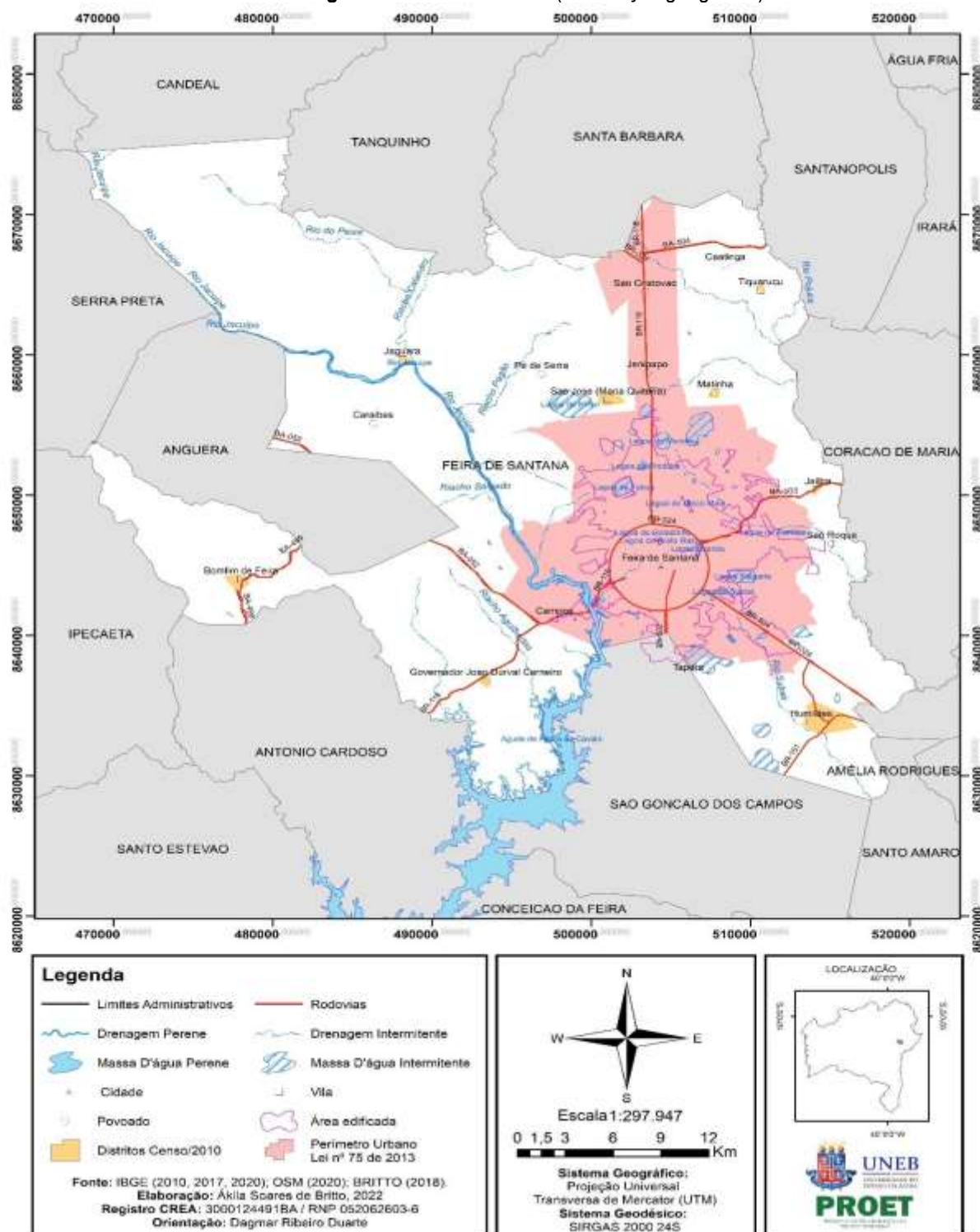
A cidade possui um dos maiores entroncamentos rodoviários, que interliga as regiões Nordeste e Sul do país, cortada por três rodovias federais, as BRs 101, 116 e 324, e quatro rodovias estaduais, as BAs 052, 502, 503 e 504, conforme dados da Associação Comercial e Empresarial de Feira de Santana (Acefs). Esse aspecto é tão importante que levou o compositor Carlos Pita a afirmar que “[...] Todos os caminhos passam por Feira de Santana”³.

O compositor reafirma a importância da localização geográfica privilegiada de Feira de Santana como um dos principais impulsionadores do seu crescimento urbano e econômico. Essa posição estratégica como encruzilhada de estradas contribuiu e/ou contribui para o crescimento contínuo da cidade, para sua centralidade regional e para sua influência sobre as áreas circunvizinhas.

² O Território de Identidade Portal do Sertão é composto por 17 municípios (Água Fria, Amélia Rodrigues, Anguera, Antônio Cardoso, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Feira de Santana, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santanópolis, Santo Estêvão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho, Teodoro Sampaio, Terra Nova), localiza-se no centro-norte baiano, ocupando uma área de 5.812 km² (IBGE, 2011), o que corresponde a aproximadamente 1,1% do território estadual. A população total era de 960.219 habitantes (IBGE, 2015) com densidade demográfica de 151,84 habitantes/km². O território é integrado por três bacias hidrográficas: do Paraguaçu, do Recôncavo Norte (majoritárias) e de Inhambupe (em Água Fria). Não foi possível encontrar dados estatísticos atualizados. Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/01_divisao_territorial_2/19_portal_sertao.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2022.

³ Música composta por Carlos Pitta em homenagem à cidade de Feira de Santana.

Figura 1: Feira de Santana (localização geográfica)



Fonte: IBGE (2010, 2017, 2020).

Segundo resultados do Censo Demográfico do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, a cidade de Feira de Santana possui uma população aproximada de 616.279 habitantes. A população da Bahia é de 14.136.417 habitantes, posicionando-se como o quarto estado mais populoso do Brasil. Os dados divulgados pelo órgão revelaram ainda que Feira de Santana é maior que as

capitais: Aracajú (SE), com 602.757 habitantes; Florianópolis (SC), com 537.213 habitantes; Macapá (AP) com 442.933 habitantes; Vitória (ES), com 322.869 habitantes, Palmas (TO), com 302.692 habitantes; Porto Alegre (RS), com 460.413 habitantes; Rio Branco (AC), com 364.756 habitantes; e Boa Vista (RR), com 413.486 habitantes. Ainda de acordo com o Censo Demográfico de 2022, Feira de Santana registrou um acréscimo populacional de 59.637 habitantes em relação ao último Censo, o que demonstra uma preferência e aumento migratório para a cidade, e representa um aumento de 10,72% em comparação com o Censo de 2010. Desse contingente populacional, 91,7% vivem na área urbana e apenas 8,3%, na área rural. A extensão territorial do município de 1.304km² tem favorecido a ampliação do perímetro urbano pelo processo de incorporação de áreas rurais, que vêm sendo transformadas em áreas urbanas.

A cidade tem como principais atividades econômicas o comércio, serviços e a indústria. O crescimento dessas atividades – tanto no setor primário quanto nos setores secundário e terciário – foi facilitado pela localização geográfica estratégica da cidade, como também pelo processo migratório, que contribuíram, de modo peculiar, ao longo dos anos para o crescimento da cidade.

A Região Metropolitana de Feira de Santana (RMFS) foi criada em 2011, por meio da Lei Complementar nº 35, de 6 de julho de 2011, na qual o município é seu principal componente, devido à sua capacidade de influência e de abrangência, passando a vigorar no dia seguinte à sua publicação, no dia 7 de julho. Alguns estudiosos sobre a questão discordaram da criação da RMFS por considerar, entre outros fatores, a desigual estrutura econômica e socioespacial das cidades envolvidas. Sobre o assunto, Freitas (2014, p. 319) ressalta que “a RMFS, ora criada, contava em 2010 com 673.639 habitantes e Feira de Santana sozinha detinha o que corresponde a 82,63% desse total, isto é, já nasce com a tendência à macrocefalia, marcada pela centralização econômica e socioespacial”.

Na atualidade, a cidade assemelha-se a grandes centros urbanos – ainda que seja classificada como cidade média – caracterizada pelo desenvolvimento econômico em todos os setores da economia – principalmente o secundário e terciário – com forte tendência para o comércio e serviços e intensa mobilidade espacial. Feira de Santana destaca-se pela grande influência que exerce sobre diversas cidades do estado da Bahia, como também da Região Nordeste.

Além dessa denominação de Princesa do Sertão, ao longo do seu processo histórico, a cidade foi agraciada com outras nomenclaturas como “Santana dos olhos d’Água”, em virtude da quantidade de nascentes de lagoas, bem como referência à padroeira; “Cidade Comercial de Feira de Santana”, denominação atrelada à sua origem a partir de atividade econômica da comercialização do gado bovino e à feira livre; e, posteriormente, a nomeação de Feira de Santana, consolidando sua posição como unidade política no século XVIII. Assim, a pecuária e o comércio, como atividades econômicas

importantes, foram os pilares iniciais para a definição do nome da cidade, sendo agregadas outras atividades econômicas no decorrer do tempo. Os fatores físicos e geográfico que marcaram a localização estratégica contribuíram para o crescimento, de forma espontânea, da população e para a consolidação da, atualmente, segunda maior cidade do interior da Bahia.

As narradoras, a cidade e suas histórias

Esta seção comporta a análise das narrativas de duas colaboradoras da mencionada pesquisa, as quais contemplam memórias que revelam histórias sobre as suas experiências e vivências dos/nos lugares e cotidianos da cidade Princesa do Sertão. As narrativas transversalizam dimensões que retratam o ser cidadão em diferentes tempos e lugares. As memórias evocadas entrecruzam histórias de vida que muitas vezes estiveram/estão entrelaçadas às histórias da cidade, lócus da pesquisa. De acordo com Pereira (2014, p. 22), “[...] as histórias de vida narradas se edificam à medida que trazem à tona lembranças, episódios e cenas guardadas, mas que passam a ser rememoradas no tempo presente”, e, nessa direção, tornam-se um contributo para construção de memórias futuras.

Assim, buscar compreender como os idosos narram suas histórias de vidas, com/nos lugares da cidade Princesa do Sertão, por meio de seus testemunhos e depoimentos sobre o vivido em seus cotidianos, considerando a dimensão espaço-temporal – passado e presente –, bem como as percepções e expectativas para o futuro, é uma forma de ressignificar a sua própria história e preservar a história da cidade para que as novas gerações possam se apropriar desse conhecimento e estabelecer com ela, a cidade, uma relação de pertencimento. Bosi (1979, p. 12) destaca que cada idoso carrega consigo uma biblioteca cultural e singular, na qual “[...] o velho carrega em si, mais fortemente, tanto a possibilidade de evocar quanto o mecanismo da memória”, pois,

cada narrador traz para o seu texto lembranças e constroem imagens que foram vividas de forma individual e coletiva, que são carregadas de ensinamentos e reflexões. Ao mesmo tempo em que conta as histórias, oralmente, ele transmite experiências, saberes preservados através de experiências do passado (Pereira, 2014, p. 23).

Para Pereira (2014), cada narrador, ao compartilhar suas histórias e lembranças, traz consigo vivências individuais e coletivas. Essas narrativas são carregadas de ensinamentos, transmitindo experiências e saberes que foram preservados ao longo do tempo. Ao contar suas histórias, os narradores não apenas rememoram eventos do passado, mas, também, transmitem conhecimentos valiosos. Por meio das histórias compartilhadas pelos narradores idosos é possível tecer uma compreensão mais profunda da história e da cultura do lugar, além de promover reflexões sobre a vida e a sociedade.

Conforme já sinalizado, a pesquisa contou com a participação de oito pessoas idosas: quatro mulheres e quatro homens, as quais mobilizaram memórias e narraram as suas experiências na cidade de Feira de Santana, descrevendo os lugares e as situações vivenciadas. Contudo, neste texto, contemplaremos as narrativas de duas colaboradoras: as professoras aposentadas Lélia Vitor Fernandes Oliveira e Yara Maria Cunha Pires.

A professora aposentada Lélia Vitor Fernandes Oliveira, 77 anos, filha de Jovino Vitor da Silva e Edite Dias da Silva, *in memoriam*, nasceu prematuramente no dia 20 de abril de 1946, em Santa Bárbara⁴, então distrito de Feira de Santana denominado de Pacatu. Viveu em Santa Bárbara até os nove anos de idade e, depois, transferiu-se com a família para a cidade de Feira de Santana para realizar o exame de admissão⁵ e ingressar na escola ginásial. Possui formação em licenciatura em Letras e Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Dentre as várias funções exercidas na área da Educação, foi professora de Inglês, coordenadora pedagógica, diretora de escola estadual, supervisora, diretora de técnicas pedagógicas, secretária municipal de educação, de Feira de Santana e de Santa Bárbara, e diretora do Departamento de Ensino da Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana. Tem seis composições musicalizadas em CD pelo Grupo Reluz, composto por portadores de deficiência visual, e pelo cantor José Almeri da Silva Bastos, *in memoriam*. Já publicou 31 livros e alguns estão no prelo. Além disso, é poetisa, pesquisadora, memorialista, teatróloga, palestrante, filatelista e numismata.

Ao rememorar e narrar a sua trajetória de vida na cidade de Feira de Santana, a professora aposentada Lélia Vitor Fernandes Oliveira destaca sua vinda, ainda na infância, evidenciando as memórias que guarda da cidade. Vejamos:

[...] nós viemos morar aqui em Feira de Santana, na rua Humberto de Campos, em uma chácara cedida por um amigo do meu pai. [...] Chegamos aqui em 1955, não me lembro se foi março ou se foi janeiro, antes do período das aulas, mas eu lembro que a minha mãe sempre dizia: 'nós chegamos aqui em 55', mas não precisou o mês [...]. E a cidade era pacata. Uma cidade onde a gente saía sozinha, não tinha carro, não tinha ônibus e as ruas eram todas de barro (Lélia Fernandes – Entrevista Narrativa, 2022).

Nesse excerto narrativo, as memórias que a professora Lélia Fernandes evoca contempla elementos que compõem a sua história pessoal ao chegar à Princesa do Sertão, em meados da

⁴ Santa Bárbara localiza-se na região nordeste do estado da Bahia. Era um povoado de Feira de Santana, com o nome de Freguesia de Santa Bárbara, desde 1833, recebendo a denominação de Distrito de Santa Bárbara, através da Constituição Republicana de 1891. Em 1943, uma decisão do então presidente Getúlio Vargas eliminou várias cidades e vilas homônimas no Brasil e, como havia muitas cidades com o nome Santa Bárbara, a localidade passou a se chamar pelo topônimo de Pacatu, em referência a uma corrida de cavalos que ocorria na localidade. De acordo com a tradição oral, a comunidade local não ficou satisfeita com esse nome e continuou a utilizar a antiga denominação até o seu retorno ao nome de Santa Bárbara durante o posterior ato da emancipação. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_B%C3%A1rbara_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_B%C3%A1rbara_(Bahia)). Acesso em: 24 jan. 2023.

⁵ Exame de admissão – nosso tradicional e antigo curso primário – era composto por quatro anos. Ao concluí-lo, para ingressarmos no curso ginásial, éramos submetidos a uma avaliação de nossos reais conhecimentos gerais, adquiridos no curso primário, denominada Exame de Admissão ao Ginásio, praticamente um pequeno vestibular, esses exames eram obrigatórios para os alunos saídos do curso primário. Também tinha a finalidade de filtro, evitando não deixar ultrapassar a quantidade de vagas existentes no curso ginásial para cada exercício. Devidamente aprovados nesse exame de conhecimentos gerais, composto pelas matérias de Português, Matemática, História e Geografia, estávamos aptos para ingressar no curso ginásial e, durante mais quatro anos, aprender os conhecimentos ministrados em suas quatro séries. Disponível em: <https://almanaquenilomoraes.blogspot.com/>. Acesso em: 24 jan. 2023. A obrigatoriedade legal da aplicação dos Exames de Admissão ao Ginásio ocorreu de 1931 a 1971 (Gama; Almeida, 2018).

década de 1950, descrevendo as características da cidade. Assim, ao narrar sobre esse lugar singular e simbólico, rememora e revive os sentimentos, e as sensações e os espaços vividos, quando memorados, nutrem sentimentos de cumplicidade e afetividades. É esse ponto de vista, do olhar sobre a experiência constituída de sentimento nos lugares, que move o interesse da Geografia Humanista em seus estudos e, desse modo, “[...] essa geografia pessoal pode ser entendida como uma maneira de compreender as experiências das pessoas nos lugares [...]” (Cavalcante, 2020, p. 228).

Ao revisitar o passado, a professora Lélia descreve uma cidade diferente dos tempos atuais. Conforme sua narrativa, pouco era o movimento de automóveis e de ônibus nas ruas do bairro – denominado Queimadinha – onde vivia com a família.

A partir da descrição da dinâmica espaço-tempo da professora, cujas narrativas apresentam sua cidade e seus lugares, os fenômenos decorrentes da época possibilitam experienciar o passado, imaginar o futuro e refletir o presente, já que as “[...] experiências são espacializadas, mas não apenas. Elas também são temporalmente circunscritas e podem gerar marcas em nossa memória e serem significativas no modo como vivemos o tempo [...]” (Dias, 2020, p. 141).

Ao narrar sobre a sua trajetória de escolarização, a professora Lélia Fernandes destaca importantes espaços de formação escolar, conforme o fragmento a seguir:

estudei na Escola Leônidas Coronel Agostinho Eduardo Fróes da Motta, [...] e eu me lembro também ainda que na minha adolescência, eu estudei no Colégio Santanópolis. Aí fiz admissão, porque naquela época só fazia admissão ao Ginásio, que era um minivestibular, o terror dos alunos, e só fazia com 12 anos, segundo a lei. Mas acontece que o Colégio Santanópolis, que era particular, eles aceitavam alunos de 11 anos, então eu fiz na quarta série, passei. [...] Depois que eu fui para o Colégio Gastão Guimarães⁶ e aí fiz o Magistério, que antigamente nós chamávamos de Curso Normal⁷. (Lélia Fernandes Oliveira – Entrevista narrativa, 2022).

As memórias evocadas da professora aposentada Lélia Fernandes emergem lembranças dos lugares de sua trajetória de escolarização. Em consonância com a geograficidade que emerge da narrativa, ao transcender energia, sensações e a própria experiência no mundo, considera-se os lugares narrados lócus das relações que o ser tem com o mundo, e onde revela-se e anuncia-se. Assim, “[...] permitindo uma compreensão fenomenológica da experiência geográfica” (Marandola Junior, 2015, p. 12).

Por esse fato, podemos refletir, mediante o lugar e as lembranças, como essa interconectividade revela e forma modos de existência no mundo, pois as experiências são lugarizadas

⁶ Escola Estadual Instituto de Educação Gastão Guimaraes, escola pública de Feira de Santana (BA), localizada na Avenida Sampaio, nº 13, centro da cidade. Disponível em:

<<https://qedu.org.br/escola/29096243-ee-instituto-de-educacao-gastao-guimaraes>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

⁷ A Escola Normal Brasil teve início no Período Imperial, com a criação da Escola Normal de Niterói, na Província do Rio de Janeiro, em 1835, através do Decreto nº 10 – decretada pela Assembleia Legislativa Providencial e sancionada por Joaquim José Rodrigues Torres. Desse ano até 1889, quando o país passou a ser regido por um Regime Republicano, foram implantadas 21 Escolas Normais nas diversas Províncias do Império. O objetivo era formar professores para atuarem no Magistério de Ensino Primário e era oferecido em cursos públicos de nível secundário (hoje Ensino Médio). Disponível em: <<https://cfvila.com.br/blog/2019/09/20/um-pouco-de-historia-da-docencia-no-brasil-a-escola-normal/>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

e perpetuadas na memória de acordo com a importância que o ser atribui a ela. Em seu relato biográfico, ela rememora a sua chegada a Feira de Santana e a importância da primeira escola onde estudou, nomeada naquele tempo Escola Leônidas Coronel Agostinho Eduardo Fróes da Motta, espaço onde atualmente abriga o Museu de Arte Contemporânea (MAC), conforme Figuras 2 e 3.

Figura 2: Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira (MAC), em Feira de Santana (BA), no passado



Fonte: Memorial de Feira de Santana⁸.

Figura 3: Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira (MAC), em Feira de Santana (BA), no presente



Fonte: acervo da autora (2022).

⁸ Disponível em: <<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/index.asp>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

Figura 4: Vista lateral do prédio do Colégio Santanópolis no ano de 1934, em Feira de Santana (BA)



Fonte: Memorial de Feira de Santana⁹.

O Colégio Santanópolis (Figura 4) foi implantado em Feira de Santana em um contexto de desenvolvimento econômico e social, no qual se buscava modernizar a cidade por meio de ações de embelezamento do centro urbano. Nesse período, a sociedade feirense consagrou a proposta de ensino do colégio como essencial para a formação de seus jovens. Entretanto, a importância da função educacional e social do Colégio Santanópolis foi negligenciada pelos órgãos públicos e, em 1985, o prédio da instituição foi desativado e demolido, levando consigo um importante patrimônio histórico e arquitetônico da cidade. Atualmente, em seu lugar, há um estacionamento de um hotel também desativado, uma loja de departamento e outros empreendimentos comerciais.

Essa unidade escolar, durante o período de sua existência, foi responsável pela formação de inúmeros estudantes que se destacaram em vários segmentos profissionais, considerada pela sociedade feirense como uma das principais referências de ensino do estado da Bahia.

Por fim, a colaboradora da pesquisa menciona a realização do Curso Normal, conhecido como Magistério, no Instituto de Educação Gastão Guimarães, instituição escolar que permanece em funcionamento com a mesma forma e a mesma função: a de educar.

Yara Maria Cunha Pires, na ocasião da realização da entrevista, tinha 80 anos, formou-se em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1965, e fez mestrado em Educação na mesma instituição em 1983. Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de reitora de uma universidade pública no estado da Bahia, atuando na UEFS, no período de maio de 1987 a maio de 1991. Nessa

⁹ Disponível em: <<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/index.asp>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

instituição, desempenhou várias funções, entre elas, diretora do Departamento de Educação, professora em cursos da graduação e da pós-graduação e comissões, durante 32 anos de serviço, quando se aposentou aos 55 anos, na segunda metade dos anos de 1990. Casada com o arquiteto Raymundo Pires há 56 anos, tem dois filhos médicos que atuam na cidade. Iniciou na carreira do Magistério em Salvador, no Instituto de Educação Isaías Alves, em 1966. Transferiu-se para Feira de Santana em 1967, onde trabalhou no Instituto de Educação Gastão Guimarães e, posteriormente, em 1968, compôs a comissão de elaboração do projeto de fundação da Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana. Foi membra do Conselho Estadual de Educação da Bahia por quatro anos e presidiu a Comissão de Educação do Ensino Superior. Atuou como membra efetiva do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) por três anos, e, nesse período, presidiu o Fórum de Reitores das Universidades Estaduais e Municipais Brasileiras (Abruem), de maio de 1990 a maio de 1991.

Sobre a sua trajetória de vida e o começo da sua relação com a feira de Santana, ela narrou:

Sou Yara Maria Cunha Pires, fiz 80 anos, portanto, tenho de Feira muitas dezenas de anos para falar, acompanhei muitas transformações na cidade e nasci em 1942, ainda na primeira metade do século XX, então atravessei o século XX e já estou na primeira metade do século XXI. Daí foram muitos processos de transformação que eu acompanhei neste meu viver. Nasci aqui em Feira de Santana, na Avenida Senhor dos Passos, ali nas proximidades, onde se localizava o Cinema Íris, do lado oposto, nasci ali. Mas a minha infância foi dividida entre Feira, a fazenda de meu pai e Santa Bárbara [...].

Apesar de ter nascido em Feira de Santana, os primeiros anos de vida fiquei por Santa Bárbara, depois fomos passar uma temporada na fazenda, a temporada de construção desta fazenda que temos até hoje, e lá permaneci até mais ou menos uns 6 anos, quando voltamos para Santa Bárbara para começar os estudos primário. Sempre passei as minhas férias escolares aqui em Feira, na casa dos meus avós paternos. [...] Mas meus avós, minha tia, irmã de meu pai e meu tio, moravam aqui em Feira de Santana, então eu vivia muito aqui, fim de semana, vinha muito. Nas férias eu passava com minha avó [...].

Para Feira de Santana mesmo, definitivamente, eu vim com uns dez anos, foi quando estava na hora de entrar para o ginásio, passar pelo exame de admissão. [...] Fiz o exame de admissão, passei e fiquei com minha avó esperando minha mãe vir morar aqui. [...] Então, era comum construir uma casa, vir depois com a família toda, para que os filhos pudessem estudar, e essa era uma condição muito comum, o que nós chamariamos hoje de classe média. Mesmo as pessoas de poder aquisitivo baixo, que não tinham condições de transferir a família para Feira, eles encontravam um mecanismo de trazer os filhos para estudar, ficavam em casas de parentes. Era muito comum os parentes acolherem os filhos daquelas pessoas que viviam em cidades onde não existia o ginásio, e o grande momento de passagem era realmente quando se fazia exame de admissão [...]. (Yara Cunha – Entrevista Narrativa, 2023).

Ao narrar as suas vivências, da infância e da adolescência, nas ruas, nas praças e nas avenidas da cidade de Feira de Santana, palco de suas experiências no passado, inclusive na Avenida Senhor dos Passos, local onde nasceu, a professora Yara Cunha faz uma descrição detalhada sobre a

organização das principais vias e a sua importância na configuração do crescimento da cidade, décadas depois. Vejamos:

Então, a Avenida dos Senhor era a avenida central da cidade. A avenida onde ainda hoje encontra-se a prefeitura. No passado, lá estavam instalados a biblioteca infantil, os cinemas, os consultórios médicos e dentários da cidade. Alguns já instalados em ambientes exclusivos para o seu funcionamento, e outros médicos residiam na Avenida Senhor dos Passos e atendiam na frente de sua casa, na primeira sala entrava-se pelo corredor, encontrava-se um espaço para a permanência, para espera, e aquele primeiro espaço grande da casa, ou um quarto ou uma sala, era onde se instalavam os consultores médicos e os consultores dentários. Então, na Avenida Senhor dos Passos, encontrávamos o centro mesmo, o centro comercial, a grande Praça da Bandeira, o Mercado Municipal, as grandes lojas, a Igreja Senhor dos Passos, e mais tarde o cinema Santanópolis. E ali nas proximidades, ainda da Praça da Bandeira, tinha um grande jardim, muito grande muito largo, que deu, digamos assim, a diretriz básica para que Feira de Santana fosse uma cidade aberta, ampla, com largas avenidas, porque o que era mais ou menos o jardim da cidade, vamos dizer assim, depois se transformou em avenida. Seguiu-se aquele traçado original do primeiro crescimento da cidade e a cidade se expandiu com suas grandes avenidas, a partir desse centro que tinha amplas dimensões. O que tinha menos dimensões era um espaço mais restrito, mais menos regular, era um que hoje nós chamamos a Rua Conselheiro Franco, que no meu tempo se chamava Rua Direita. Também, um marco importante daquele centro e da vida social. Ali estavam as filarmônicas, a 25 de março, a Vitória e a Euterpe. A mais nova, a Euterpe, que marcou também o desenvolvimento e o crescimento vertical de Feira. Foi o primeiro grande prédio construído em concreto. [...] Então, as principais vias da cidade, a Rua Conselheiro Franco, a Rua Direita, e especificamente, a Rua Sales Barbosa, que era também uma avenida, a Avenida Senhor dos Passos e o início da Getúlio Vargas, essa última que só depois se expande, só na década de 60 ela cresceu. Essas vias foram marcos e nasceram com uma marca rara nas cidades do interior, que era a sua dimensão, uma dimensão muito rara nas cidades do interior [...], mas em Feira teve um cunho diferente porque, desde cedo, o crescimento urbano, a expansão urbana se fez com base na largura da Avenida Getúlio Vargas, que era a largura da Praça da Bandeira, e essa expansão, com avenidas largas, se deu por esses eixos iniciais do crescimento da cidade. Hoje, muitas coisas mudaram totalmente a forma, algumas desapareceram, outras foram transformadas [...]. (Yara Cunha – Entrevista Narrativa, 2023).

O excerto narrativo da colaboradora da pesquisa Yara Cunha, ao contemplar a sua percepção sobre a cidade, permite conhecer as características e o crescimento urbano da cidade de Feira de Santana, a sua morfologia, ou seja, as formas e os fenômenos que potencializaram a sua organização espacial, retratada pelos traçados e vias urbanas, a paisagem e certamente, também, compreende a sua organização social.

Com relação às características urbanas da cidade, ela inicia seu relato apresentando a Avenida Senhor dos Passos, destacando seu papel principal na cidade e sua importância como centro comercial e cultural. A narradora, ao evocar suas memórias, menciona que a citada avenida abrigava, além das residências de pessoas das classes mais favorecidas, diversos estabelecimentos, prédios públicos, como a prefeitura e a biblioteca infantil, além de dois cinemas, consultórios médicos e dentários. Alguns médicos tinham consultórios exclusivos, mas a maior parte atendia em suas casas. Além disso, a Avenida Senhor do Passos, recorda ela, era agregada à Praça da Bandeira, a qual abrigava o Mercado Municipal, a Igreja que leva o nome da mesma avenida – Senhor dos Passos. Ela

destaca as características físicas da avenida, informando que essa via pública já era ampla e espaçosa, o que influenciou o traçado e o crescimento urbano de Feira de Santana. Essa configuração inicial (forma) contribuiu para a expansão da cidade com a criação, a partir de então, de grandes avenidas, conferindo uma característica diferenciada em relação a outras cidades do interior da Bahia.

A Rua Conselheiro, por exemplo, também citada em sua narrativa, conhecida naquele tempo como Rua Direita, é mencionada como uma importante via do centro da cidade, uma vez que abrigava as filarmônicas, como a 25 de Março, a Vitória e a Euterpe. A Rua Sales Barbosa também é mencionada como uma rua ampla com canteiro central – hoje um calçadão, onde estão instaladas lojas de diferentes gêneros –, juntamente com a Avenida Senhor do Passos e o início da Getúlio Vargas. Essas vias foram fundamentais no crescimento urbano de Feira de Santana, com seu destaque para a largura da Avenida Getúlio Vargas, que determinou a expansão da cidade com avenidas largas (Figuras 5, 6 e 7).

A narrativa da pedagoga Yara Cunha Pires revela a importância histórica e a influência dessas avenidas e ruas no crescimento de Feira de Santana. A existência de avenidas amplas e largas, desde o início do crescimento urbano da cidade, é ressaltada como uma característica pouco comum para as cidades do interior. Essas vias centrais tornaram-se marcos e contribuíram para a formação do centro antigo de Feira de Santana, conferindo uma identidade urbana distinta e proporcionando espaços amplos para atividades comerciais e sociais. No começo, com instalações de grandes residências que abrigavam a classe média alta da cidade e, com o passar das décadas e com a expansão das atividades comerciais e de serviços, sobretudo, no fim da última década do século passado, as casas foram sendo substituídas por empreendimentos comerciais.

A narradora, ao rememorar e relatar suas vivências, na infância e na adolescência na cidade, destaca a importância dos espaços físicos, como as avenidas, as praças e os jardins na vida cotidiana. Lugares como a Avenida Senhor dos Passos, a Avenida Getúlio Vargas, a Rua Marechal Deodoro da Fonseca (antiga Rua Direita), a Rua Sales Barbosa e as praças adjacentes, marco inicial do centro da cidade de Feira de Santana, têm um significado afetivo para ela. Nesses lugares, residiam famílias e se concentravam diversas atividades – sociais, culturais e econômicas –, bem como a proximidade dos locais de interesses como igrejas, comércio, biblioteca e escola. A possibilidade de percorrer esses espaços a pé reflete uma experiência de proximidade e de acessibilidade.

Em sua narrativa, Yara Cunha Pires recorre às reminiscências dos jardins e das praças, e expõe sua apreciação estética e o valor cultural desses espaços. Ela destaca os detalhes arquitetônicos e a importância social dos coretos, e a vegetação presente, tanto as flores iniciais dos jardins que embelezavam a cidade quanto a predominância da urbanização ao longo do tempo. Essas

características trazem à tona a relação afetiva da narradora com os espaços públicos e a importância do convívio social.

Figuras 5 e 6: Rua Direita, atualmente Rua Conselheiro Franco, em momentos distintos (passado)



Fonte: Memorial da Feira¹⁰.

Figura 7: Rua Conselheiro Franco (presente)



Fonte: acervo da autora (2023).

Apesar de todas as transformações urbanas ao longo de décadas, e, apesar das formas urbanas terem mudado, se adaptado ou até desaparecido, elas continuam vividas nas memórias dos seus habitantes, como destaca a professora Yara Maria Cunha Pires, ao descrever ruas, avenidas e

¹⁰ Disponível em: <<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=1>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

uma praça importantes na configuração física da cidade, fazendo analogia entre o tempo passado e o presente. Ela guardou a Feira do passado nos detalhes, apesar das significativas mudanças ao longo do tempo.

Ao narrar sobre as suas experiências com e na cidade de Feira de Santana, as colaboradoras participantes da pesquisa – Lélia Vitor e Yara Maria Pires – descrevem paisagens, relatam práticas socioculturais de diferentes grupos, conferem sentidos aos cenários citadinos, acontecimentos, eventos e possibilitam uma leitura sobre uma fração da história da cidade. Trata-se, portanto, de um mosaico de geografias vividas, que comporta experiências com e nos lugares da cidade revelando geograficidade que, conforme destacam Marandola Junior e Oliveira (2009, p. 494), “[...] diz respeito aos laços de cumplicidade que o homem estabelece com o meio, trazendo para o campo de interesse do geógrafo a afetividade, os sentimentos, a emoção e o complexo sistema de significações que o conhecimento intuitivo e perceptivo implicam”.

Assim, entre reminiscências do passado e a compreensão das vivências no tempo presente, as narradoras evidenciam as experiências estéticas, sensoriais, situações e acontecimentos que compõem a conectividade física e afetiva com a Princesa do Sertão, demonstrando o sentimento topofílico, ao atribuir significados à história vivida na cidade.

Inferências finais

Ao buscar compreender, a partir das memórias evocadas e narradas, as percepções do e sobre o vivido, experiências, de diferentes sujeitos sociais, idosos, e as práticas cotidianas nos lugares onde a vida acontece, a mencionada pesquisa colocou em evidência a relevância de estudar os lugares por meio das narrativas de seus moradores, as quais são permeadas de histórias que relatam transformações espaciais ao longo do tempo.

Ao mobilizar memórias, muitas histórias foram narradas, as quais entrecruzam histórias de vida com as histórias da cidade narrada. Os caminhos percorridos pelas ruas e avenidas, os lugares e seus cotidianos experienciados, as vivências nos espaços públicos e privados demarcam singularidades e retratam o sentimento de pertencimento e de identidade com a Princesa do Sertão.

As narrativas de duas participantes colaboradoras da pesquisa – Lélia Fernandes e Yara Maria Cunha – são testemunhos da história da cidade, a qual precisa ser concebida como cenários de vidas em movimento, de identidades forjadas e de situações experienciadas. As narradoras foram impulsionadas pelas migrações e itinerâncias realizadas por seus familiares, que deixaram sua terra natal em busca de oportunidades de estudo, emprego e melhores condições de vida na cidade de Feira

de Santana. Com o passar dos anos, experienciando a cidade e seus cotidianos, a Princesa do Sertão se apresenta, aos poucos, para os migrantes, como o lugar de vida.

Enquanto a participante da pesquisa Lélia Vitor Fernandes Oliveira destaca, nas suas narrativas, as escolas que fizeram parte das histórias das suas itinerâncias de escolarização, descrevendo esses lugares e, também, contando parte da história da educação feirense, a professora Yara Maria C. Pires retrata a forma urbana, apresentando a sua dinâmica e a sua organização.

A cidade está em constante transformação e, nesse contexto, as experiências urbanas são ressignificadas ao longo do tempo, refletindo as mudanças sociais, culturais e tecnológicas que ocorrem na sociedade. Assim, a Princesa do Sertão não foge à regra, os estudos que exploram essas questões da atualidade são de grande importância para a compreensão da cidade contemporânea. Eles nos ajudam a compreender a necessidade de novas abordagens para entender a cidade, considerando as múltiplas experiências vividas pelos cidadãos.

Ao revisitar as memórias, as colaboradoras, em suas narrativas sinalizam que

as cidades, como espaço de vivências coletivas, são paisagens privilegiadas de registros da memória. [...] são cristais de múltiplas faces espaciais e temporais, cristais de variadas luzes, dentre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares do ontem com os sentimentos do presente (Neves, 2004, p. 137-138).

As narradoras, autoras e espectadoras das mudanças nos espaços da cidade, revelam que as experiências urbanas cotidianas foram construídas sob as maneiras como cada um viveu os lugares da cidade, desde o transitar pelas suas ruas e avenidas, o frequentar as escolas, bibliotecas, clubes, praças e outros equipamentos públicos. As narrativas comportam histórias e registros dos itinerários urbanos, memórias dos momentos vividos, situações experienciadas e compõem um mosaico de imagens guardadas sobre a cidade. E assim, como memorialistas – Lélia Vitor Fernandes e Yara Maria Cunha Pires – reconstroem

[...] lugares perdidos pela inexorável transformação paisagística da urbe. Reconstrói, buscando nas réstias do passado imagens paradoxais, intactas nas suas lembranças, mas na realidade transfiguradas, transformadas em novos espaços, que representarão para as novas gerações outras imagens, que se tornarão suportes de novas memórias (memória em movimento) (Neves, 2004, p. 141)

Cada indivíduo, ao criar uma representação de uma cidade, incorpora experiências do viver cotidiano e, quando mobiliza as memórias narra o que testemunhou, o que foi vivido. Segundo Delory-Momberger (2012, p. 39), “[...] a narrativa transforma os acontecimentos, as ações e as pessoas do vivido em episódios, em enredos e em personagens; ordena os acontecimentos no tempo e conferindo-lhes significados”.

Nesse percurso narrativo, os sujeitos são capazes de “mergulhar” em um mundo próprio de lembranças, mobilizando tradições, costumes, vivências e experiências e, nesse exercício, transmitem

conhecimentos adquiridos ao longo da vida na cidade, que muitas vezes não são registrados na história oficial.

Essa relação cotidiana do cidadão com sua cidade possibilita aprendizagens sobre a interface que demarca a cidade, qual seja, uma aglomeração de pessoas – habitantes e visitantes – e de objetos – casas, ruas, prédios –, conforme salienta Carlos (2008). Contudo, neste texto, a nossa intenção foi apresentar os modos como duas cidadãs de Feira de Santana descrevem as suas experiências na cidade, ao desvendar os seus lugares e cotidianos, considerando, em sua dimensão espacial, outras dimensões – cultural, simbólica, subjetiva e afetiva –, uma vez que “[...] a cidade é um espaço geográfico, [...], mas entendendo que ela expressa esse espaço, como lugar de existência das pessoas, não apenas como um arranjo de objetos, tecnicamente orientado” (Cavalcanti, 2001, p. 15).

Ancorada nas narrativas analisadas, é possível inferir que a cidade de Feira de Santana acolheu as narradoras, cujas histórias descrevem como, ao experienciar e viver a cidade, elas foram forjando laços de identidade, de pertencimento e de afetividade, o que Tuan (1983) nomeia “laços topofílicos”.

As reflexões tecidas no devir dessa escrita versam sobre questões vinculadas à mobilização das memórias, sentimentos, significados e sentidos atribuídos pelas mulheres idosas às suas experiências na cidade de Feira de Santana, entrecruzando suas histórias de vida com a história da cidade. E, assim, por meio das reminiscências de um tempo passado, aprendemos no tempo presente, com as histórias da Princesa do Sertão.

Referências

- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- BOSI, Eclea. *Memória da cidade: lembranças paulistas*. Estudos avançados, São Paulo, v. 17, n. 47, 2003, p. 198-211.
- BRASIL. *Censo*. Brasília, DF: IBGE, 2010. Disponível em: (<https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>), data de acesso em: 12 mar. 2022.
- BRASIL. *Hidrografia*. Brasília, DF: IBGE, 2017. Disponível em: (https://geofp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/bases_cartograficas_continuas/bc250/versao2017/shapefile/), data de acesso em: 12 mar. 2022.
- BRASIL. *Limite Político Administrativo*. Brasília, DF: IBGE, 2020. Disponível em: (<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15774-malhas.html?edicao=15874&t=downloads>), data de acesso em: 12 mar. 2022.
- BRITTO, Ákila Soares de. *Ordenamento Territorial Urbano em Feira de Santana: Fixos, Fluxos e Bus Rapid Transit (BRT)*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CASTROGIOVANNI, Carlos Antonio. *Apreensão e compreensão do espaço geográfico*. In: CASTROGIOVANNI, Carlos Antonio; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. *Ensino da Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 11-22.

- CAVALCANTE, Tiago Vieira. *A Geografia de um nome: Rachel de Queiroz*. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). *Geografias Literárias: escritos, diálogos e narrativas*. Salvador: Edufba, 2020, p. 227-252.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia*. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2015.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Natal: Ed. UFRN, 2012.
- DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. *A geograficidade por meio da narrativa e memórias de múltiplos tempos e lugares*. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). *Geografias Literárias: escritos, diálogos e narrativas*. Salvador: Edufba, 2020, p. 125-144.
- FREITAS, Nacelice Barbosa. *O descoroamento da Princesa do Sertão: de “chão” a território, o “vazio” no processo da valorização do espaço*. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.
- GAMA, Marta Maria; ALMEIDA, Laura Isabel Marques V. de. Os Exame de Admissão da década de 1931 a 1971. In: SEMINÁRIO TEMÁTICO PROVAS E EXAMES E A ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 16., 2018, Roraima. *Anais [...]*. Roraima: Universidade Federal de Roraima, 2018.
- JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Educação, Porto Alegre, v. 3, n. 63, 2007, p. 413-438. Disponível em: (<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741>), data de acesso: 10 nov. 2020.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin Welless. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin Wellness; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 90-113.
- LIMA, Marcia Cristina Senra Marinho de. *Cidade, identidade e os lugares de memória*. Revista Unimontes Científica, Monte Carlos, v. 14, n. 2, 2020, p. 1-11. Disponível em: (<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/2105>), data de acesso: 12 mar. 2023.
- LOPES, José Carlos Cacau. *A voz do dono e o dono da voz*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. *Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano*. São Paulo: Ed. Unesp, 2021.
- MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. *Ainda é possível falar em experiência urbana? habitar como situação corpo-mundo*. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, v. 2, n. 42, 2020, p. 10-43. Número Especial.
- MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. *Geograficidade e espacialidade na literatura*. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 34, n. 3, 2009, p. 487-508.
- MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. *Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer*. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 15, n. 24, 2005, p. 49-67. Disponível em: (<https://www.redalyc.org/pdf/3332/333260064003.pdf>), data de acesso em: 6 jan. 2023.
- MEIRELES, Mariana Martins de. *Macabéas às avessas: trajetórias de professoras de Geografia da cidade na roça – narrativas sobre docência e escolas rurais*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.
- NEVES, Lucília de Almeida. *Literatura, memória e cidades: interseções*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, 2004, p. 137-145.
- PORTUGAL, Jussara Fraga (coord.). *Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: identidades, memórias e narrativas*. Serrinha: UNEB, 2021.

- PORTUGAL, Jussara Fraga. *As pequenas memórias dos lugares e seu cotidiano: Geografia, Literatura e Autobiografia*. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). *Geografias Literárias: escritos, diálogos e narrativas*. Salvador: Edufba, 2020, p. 23-57.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. *A experiência em formação*. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2011, p. 147-156.
- PEREIRA, Áurea da Silva. *Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagem de letramento em Saquinho*. 2014. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.
- PEREIRA, Áurea da Silva. *Narrativas de vida de idosos: memórias, tradição oral e letramento*. Salvador: EDUNEB, 2013.
- SERPA, Angelo. *Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia*. São Paulo: Contexto, 2019.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. *Puxando um fio*. In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. (org.). *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 7-20.